

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 25 101 11959 AUTOR: Ferreira Gullar

TÍTULO: Nós e o Tachismo

ASSUNTO: Fotografia de um quadro de Ivan - sem comentários

Domingo, 25 de Janeiro de 1959

ARTES PLÁSTICAS

NÓS E OS TACHISMO

Ferreira Gullar

OS SIMPATIZANTES (ideológicos) do tachismo no Brasil notaram, com natural desagrado, a resistência do meio à vaga tachista que, segundo os viajantes, afoga atualmente as galerias européias. Não temos razões para duvidar dessas notícias, mas não vemos por que deixar-nos igualmente afogar pelo tachismo. O certo, porém, é que esse cogumelo pictórico parece não se dar bem em nosso clima: não se desenvolve nem se multiplica... Por que?

Éis uma questão difícil e fascinante, diante da qual não evitamos de arriscar uma hipótese: a de que, sendo tachistas na vida, é natural que não o sejamos na arte. Pode parecer brincadeira, mas não é. Se se admite que o artista é sempre um «resistente» e não um elemento passivo e acomodaticio, compreende-se que num país onde, desde Machado de Assis e antes, «a confusão é geral», a arte exprima uma vontade de ordem e de equilíbrio.

Essa tese, nascida, se não me falha a memória, de uma conversa com Mário Pedrosa, há alguns meses, no atelier de Ligia Clark e a propósito da pintura desta, levou-nos a considerações sobre Pollock e James

Dean, que representariam uma atitude equivalente em face de uma civilização excessivamente mecanizada, desumanamente organizada. Mais tarde Pedrosa, alargando as perspectivas da conversa, levantava esse problema em artigo para o «Jornal do Brasil». Não se tratava, como não se trata aqui, de estabelecer uma lei inflexível, segundo a qual é impossível fazer-se tachismo no Brasil. Faz-se uma observação, confirmada, na fonte, pelo fato notório de que toda a arte brasileira dos últimos anos tende a uma forma simplificada, que reflete firme vontade de controle e precisão. Quando me refiro a toda a arte brasileira, não me detenho, é claro, na pintura e na escultura e nem mesmo na arquitetura: vou também à literatura, aos prosadores e sobretudo aos poetas, onde essa vontade de ordem se mostra ainda mais clara. Cumpre, no entanto, em favor da tese e da verdade, dizer que essa observação já foi feita pelo crítico Sílvio de Vasconcelos («Estado de São Paulo»), numa série de inteligentes artigos. Dois outros testemunhos preciosos que valeria a pena trazer à baila, para reforçar nosso ponto de vista, são o de Wladimir Murinho e o de Jorge Romero Brest.

— 000 —

Murinho, em seu prefácio («Notes sur l'arte brésilien») à exposição «Arts primitifs et modernes brésiliens», realizada no Museu de Etnografia de Neuchâtel, em 1956, observava «os índios do Brasil são em geral não figurativos e nossos artistas contemporâneos, ainda que inconscientemente, seguem uma tradição». Mais adiante, Murinho se refere às «mesmas qualidades de síntese e estilização» comuns à arte indígena como ao folclore. Jorge Romero Brest, depois de assinalar a contradição (aparente) entre o cromatismo violento da natureza brasileira e a «necessidade imperiosa» que os artistas deste país têm de «construir, de limitar, com o objetivo de impedir a desagregação formal na atmosfera fragmentada de cores», diz que o excesso cromático e luminoso obriga-os «a ser sóbrios e a concentrar-se nas linhas ordenadoras». E' preciso ter em conta que essas anotações de J. R. Brest estão em seu livro «La pintura brasileira contemporânea» (Editorial Poseidon, Buenos Aires) editado em 1945.

Com tais argumentos, pretendemos ter demonstrado que o tachismo não floresce no Brasil simplesmente por-

Carvão na GEA

O pintor Aloisio Carvão está com exposição acertada para este semestre de 1959 na Galeria GEA. A princípio, a mostra de Carvão estava prevista para janeiro mas, depois da exposição que fez há pouco na Galeria das Folhas em São Paulo, ficou com o conjunto de trabalhos desfrutado, uma vez que três dos quadros expostos foram escolhidos para concorrer ao prêmio Leirner. Assim, Carvão aproveitará para se apresentar na GEA com trabalhos mais recentes — e bastante mudados.

Congresso de Brasília

O Congresso de Arte de Brasília — para o qual foram convidados os maiores nomes da arquitetura, da crítica e da historiografia das artes plásticas — esteve a ponto de afundar. Mas, ao que se sabe, depois de um encontro com o presidente Kubitschek, os críticos brasileiros conseguiram uma nova esperança: o departamento cultural do Itamarati ficará encarregado de tomar uma série de providências no sentido de facilitar a realização do Congresso.



SERPA — «Construção»

que não corresponde a uma necessidade profunda de nossa sensibilidade artística e, por outro lado, as manifestações construtivas (ditas concretas) de nossa arte con-

temporânea têm sido, em graus diferentes e sob aspectos diversos, uma constante da expressão brasileira, das mais primitivas às mais cultas.

Weissmann Vai ao Japão

O escultor Franz Weissmann está encontrando dificuldades em se preparar para a viagem ao estrangeiro, prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna. E' que Weissmann pretende ir para o Japão e o adiantamento que a Comissão Nacional de Belas Artes costuma fazer aos premiados é insuficiente para que o escultor compre passagens para si e para a família (mulher e dois filhos). E' de se esperar que a CNBA, compreendendo o caso de Weissmann, conceda-lhe um adiantamento maior. Na verdade, trata-se apenas de atualizar uma medida burocrática.

Centro «Andrea Palladio»

O Conselho científico do Centro Internacional de Estudos de Arquitetura «Andréa Palladio» cuja sede está instalada em Vicenza, (Itália) aprovou por estes dias o programa de suas atividades para o ano de 1959. Um curso de pesquisas no campo dos estudos sobre a obra deste arquiteto italiano serão realizadas e acaba de ser anunciada a publicação dum «Corpus Palladiano». Um curso internacional de estudos sobre a arquitetura será inau-

gurado em setembro de 1959 no Odeon do Olímpico de Vicenza e na «Villa» Cordellina Lombardi de Montebelluna Maggiore, há pouco restaurada. Uma cinemateca mais uma exposição de desenhos e de relevos serão organizadas na «Villa» Cordellina enquanto o fundo bibliográfico da Biblioteca Bertoliana de Vicenza dedicado ao grande arquiteto italiano do século XVI receberá umas novas obras. Um concurso para a atribuição dum prêmio internacional «Andrea Palladio» a obras arquitetônicas contemporâneas completará o programa 1959 das atividades do Centro acima mencionado.